

MONKEYPOX: DOS SINTOMAS AOS CUIDADOS DE PREVENÇÃO

Beatriz Guimarães Santana¹
Dafne Emanuelle Silva Costa Silveira¹
Giuliana Fernandes e Silva²

biaquimaraes688@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar evidências científicas acerca dos sinais e sintomas mais encontrados nos pacientes infectados pelo Monkeypox. Trata-se de uma revisão de literatura sobre publicações dos últimos 10 anos, realizada no mês de agosto de 2022, com textos em português que abordam a temática, na base de dados PUBMED e na Biblioteca Virtual em Saúde. Os resultados evidenciam que houve o aumento nos casos, principalmente nos países da Europa, mas rapidamente se espalhou pelo mundo. Abordam ainda informações para profissionais de saúde como, transmissão da doença, sinais e sintomas, tratamento e complicações mais comuns nos infectados. O conhecimento mundial acerca da doença ainda é escasso mesmo sendo uma doença relativamente antiga pelo tempo em que houve o primeiro caso. Concluiu-se que os estudos até o momento publicados contribuíram como alerta para países para que fiquem mais atentos com a aparição da doença em seu território.

Palavras-chave: Monkeypox; Varíola do macaco; Sintomas; Complicações.

INTRODUÇÃO

A varíola, originada do vírus de gênero *Orthopoxvirus variolae*, conhecida mundialmente por sua utilização como arma biológica no século XVIII, como ocorre na guerra entre franceses e indígenas na América do Norte. A finalidade da contaminação era enfraquecer os habitantes da área a ser tomada para que a conquista se tornasse ágil. (SILVA, 2002)

¹ Acadêmicas do curso de Enfermagem da Faculdade Vértix Trirriense – Univértix.

² Doutora em Enfermagem - Saúde da Mulher - EEAN/UFRJ, Mestre em Enfermagem - Saúde da Mulher - EEAN/UFRJ e Especialista em Obstetrícia - EEAN/UFRJ. Docente da Faculdade Vértix Trirriense – Univértix.

Sobretudo, essa varíola foi erradicada, no Brasil, em 1980. Após a eficácia de um plano de vacinação imposto, que vacinou quase todos os habitantes do território. O vírus utilizado é o **Vaccinia**, que foi desenvolvido a partir do vírus original. Atualmente apenas dois países possuem o vírus ativo dessa varíola, são eles Estados Unidos e Rússia. (SILVA, 2002)

Similarmente com a varíola já citada, a varíola dos macacos também é causada por um vírus do gênero **Orthopoxvirus**, o vírus **monkeypox**, considerado uma zoonose viral por ocorrer transmissão entre homem-animal. O primeiro caso foi identificado 1958 em macacos mantidos para a realização de pesquisas, em 1970 foi registrado o primeiro caso em humanos na República Democrática do Congo. Comumente casos são encontrados nas regiões da África Central e Ocidental principalmente. (OMS, 2022)

O reservatório natural do vírus ainda permanece desconhecido, mas precisamos ressaltar que o vírus não vem a partir de macacos, eles foram apenas os primeiros contaminados, originalizando assim o nome para a varíola. Atualmente, pessoas estão agredindo e matando macacos na intenção de penalizar os animais por uma doença que eles também são vítimas. Está sendo usado o nome do vírus para amenizar os riscos para os macacos. (GONÇALVES, 2022)

A preocupação atual neste surto está sendo a propagação a nível mundial de uma doença normalmente localizada em apenas um continente. No Brasil o aumento no número de contaminados sintomáticos pode ter ligação com a interrupção na vacinação contra a varíola que ocorreu em 1973. A vacina aplicada a partir do vírus **Vaccinia** apresentava imunização cruzada com o vírus **monkeypox** com cerca de 85% de imunização. A faixa etária de infectados no Brasil está entre 18 e 49 anos, os últimos vacinados hoje têm a partir de 50 anos atualmente. (FERNANDES, 2006)

Considerando a relevância frente a temática no momento atual e com intuito de evidenciar como as pesquisas apresentam os sinais e sintomas da doença, este

estudo tem como objetivo: analisar evidências científicas acerca dos sinais e sintomas mais encontrados nos pacientes infectados pelo Monkeypox.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Ercole, Melo e Arcoforado (2014), a revisão integrativa da literatura insere-se no modelo da Prática Baseada em Evidências, em termos de uma sistematização da metodologia de busca, seleção, avaliação, interpretação e apresentação dos resultados. Tem como objetivo sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. Sendo possível usar informações de diferentes fontes para revisar teorias, identificar lacunas e buscar novas estratégias para o problema abordado.

Após a definição do tema de estudo, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados Public/Publish-Mediline (PubMed) e na Biblioteca Virtual em Saúde. As buscas foram realizadas no mês de agosto de 2022. Para a busca foi usado o descritor: Monkeypox.

Como critérios de pesquisa foram utilizados textos somente em português, publicados entre os anos de 2012 e 2022, para que englobasse as últimas publicações e as mais importantes, e que tivessem disponíveis na íntegra. Foram excluídos textos repetidos nas bases de dados e que fugissem da temática.

Na Biblioteca Virtual em Saúde foram encontrados 1.526 textos utilizando o descritor Monkeypox, após aplicados os filtros propostos foram encontrados 12 textos que foram os utilizados para o presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O período de incubação do vírus é tipicamente de 6 a 16 dias, mas pode variar de 5 a 21 dias. Normalmente os sintomas duram entre 2 e 4 semanas, sendo uma doença autolimitada. O período de transmissibilidade ocorre a partir do primeiro

sintoma e termina com o desaparecimento das crostas das lesões. (SOUSA *et al*, 2022)

Os principais sintomas da doença são febre alta, mialgia, cefaléia intensa, linfonodomegalia, dores nas costas, astenia, calafrio, dores musculares e lesões cutâneas. Alguns casos podem não apresentar linfonodomegalia e febre, mesmo sendo sintomas frequentes. (OPAS *et al*, 2022)

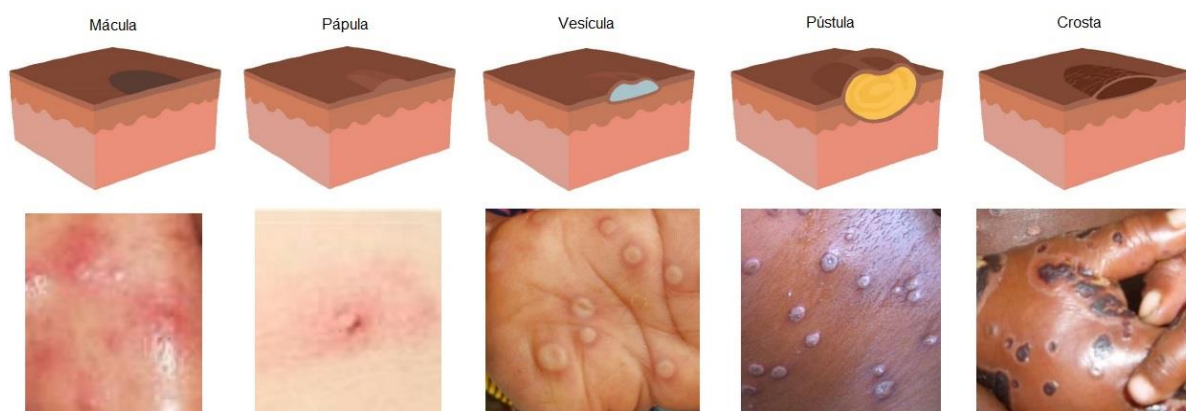
O vírus apresenta sua fase de desenvolvimento e uma sequência linear de acontecimentos. Na maioria dos casos inicia-se com um quadro febril com duração de até 3 dias, evoluindo para erupções cutâneas que passam por fases até seu término onde também termina a transmissibilidade do vírus. (OPAS *et al*, 2022)

As fases das erupções podem evoluir de enantemas até as crostas, da seguinte forma: iniciando com os enantemas, normalmente vistos na língua e na boca, após 2 dias as lesões evoluem para máculas, que se iniciam na face e se espalham pelos membros superiores e inferiores e por fim nas regiões palmares. Passados mais 2 dias tornam-se pápulas e logo evoluem para vesículas, passados mais 2 dias tornam-se pústulas, normalmente de apresentação arredondada e firme ao toque, podendo apresentar umbilicação central e duram entre 5 e 7 dias. Logo após este período as lesões evoluem para a formação de crostas. (PAULA , 2022)

A contaminação acontece até que ainda apresenta crostas no paciente, após a descamação das crostas a transmissão é cessada. A cicatrização das crostas pode gerar cicatrizes permanentes no paciente. (PAULA , 2022)

A principal forma de diferenciação dos sintomas do monkeypox para outras doenças como varicela, herpes zoster, sarampo, rubéola, sífilis, por exemplo, é a forma de evolução das erupções que são uniformes, todas as lesões se apresentam sempre no mesmo estágio. (OMS, 2022)

Figura 1- Estágios das lesões



Fonte: UFRGS, 2022

Figura 2- Lesões em estágios de pápula, vesícula e pústula.



Fonte: G1, 2022

Figura 3: Erupções ilustradas

Monkeypox



Fonte: comunica.ufu.br

As formas de transmissão do vírus mais conhecidas são as de contato direto e indireto. As de contato direto normalmente acontece por contato com mucosas internas (boca, garganta, por exemplo), sangue, fluídos corporais, contato com pessoas ou animais com lesões de pele, como por exemplo por abraço, beijo, relações sexuais ou secreções respiratórias. (DOURADO, 2022)

No caso das secreções respiratórias o contato com a pessoa infectada precisa ser mais próximo, já que esse vírus tem um tamanho maior do que os vírus comuns, como por exemplo o vírus do COVID-19 que é bem menor se colocado em comparação. Por este motivo o vírus Monkeypox não consegue permanecer no ar por muito tempo, mas com toda a resistência que ele apresenta tende a permanecer por bastante tempo em superfícies o que facilita o contato de forma indireta. (DOURADO, 2022)

O contato indireto neste surto precisa ser evidenciado por estar acontecendo muito a contaminação por esta forma. A contaminação acontece a partir de gotículas que ficam em superfícies ou tecidos que tiveram contato direto com as lesões da pessoa infectada, tendo então, grande transmissibilidade por roupas, roupas de cama, toalhas e superfícies que foram utilizadas pelo doente. (OMS, 2022)

Atualmente a maioria dos contaminados são homens que fazem sexo com outros homens. Devemos lembrar que é uma doença que atinge a população de forma geral e tem sido mais perigosa em crianças e pacientes com HIV. Profissionais de saúde, membros da família do paciente, parceiros sexuais e profissionais do sexo, correm maior risco de contaminação por estarem em contato direto com uma pessoa infectada. (OMS, 2022)

As complicações mais comuns do vírus são infecções secundárias de pele, abscessos, broncopneumonia, sepse, encefalite, obstrução de vias aéreas superiores por linfonodomegalia em crianças, dor intensa nas lesões, acometimento grave genital, anal e urinário como proctite e obstrução uretral e infecções oculares que podem desenvolver para cegueira. (OPAS, 2022)

Frente aos estudos analisados nessa revisão, não há tratamento específico para as infecções causadas pelo vírus. O tratamento é sintomático e envolve a prevenção e tratamento de infecções bacterianas sintomáticas. Atualmente há uma vacina desenvolvida para o Monkeypox, mas ainda não está disponível para a população. (OMS, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que os materiais até o momento publicados serviram como explicação da doença por parte de órgãos regulamentadores da saúde e por setores epidemiológicos de cidades onde começaram a existir casos, como forma de alinhar prevenções e formas de tratamento dentro daquele município, estado ou país. As publicações permitiram uma descrição dos principais sinais e sintomas e afirmaram que o tratamento deve ser sintomático amenizando tais sintomas.

REFERÊNCIAS

DOURADO, Péricles *et al.* MONKEYPOX – VACINAS. **CONECTA SUS**, [S. l.], p. 1-7, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/files//conecta-sus/produtos-tecnicos/l%20-%202022/Monkeypox%20-%20Vacinas.pdf>

DOURADO, Péricles *et al.* MONKEYPOX – VARÍOLA DOS MACACOS. **CONECTA SUS**, [S. l.], p. 1-7, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/files//conecta-sus/produtos-tecnicos/l%20-%202022/Monkeypox%20-%20Var%C3%ADola%20dos%20Macacos.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ERCOLE FF, MELO LS, ALCOFORADO CLGC. Revisão integrativa versus sistemática. **Rer Min Enferm.** 2014. Disponível em: <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>. Acesso em: 15 ago 2022.

FERNANDES, Tania. Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal). História, Ciências, **Saúde-Manguinhos** [online]. 2006, v. 6, n. 1 [Acessado 17 Agosto 2022] , pp. 29-51.

GONÇALVES, Eliane. Pelo menos oito macacos são agredidos em São Paulo. **Casos ocorrem em meio ao crescimento da varíola dos macacos**, [S. l.], p. 1-2, 7 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2022-08/pelo-menos-oito-macacos-sao-agredidos-em-sao-paulo>. Acesso em: 16 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Testes laboratoriais do vírus da varíola dos macacos. **OMS**, [S. l.], p. 1-7, 23 maio 2022. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/354488/WHO-MPX-Laboratory-2022.1-por.pdf?sequence=11&isAllowed=y>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. VIII Reunião Ad Hoc do Grupo Técnico Assessor (GTA) da OPAS sobre Doenças Preveníveis Imunopreveníveis. Informe técnico sobre o surto de varíola dos macacos em vários países, 31 de maio de 2022 (virtual). **PAHO-IRIS**, [S. l.], p. 1-22, 20 jun. 2022. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/56107/OPASFPLIM220018_por.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 16 ago. 2022.

PAULA, Regiane A. Cardoso de. Informe epidemiológico: primeiros casos confirmados de monkeypox. **Boletim Epidemiológico Paulista**, [S. l.], p. 1-9, 9 ago. 2022. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/07/1378175/monkeypox_baixa.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

SILVA, LUIZ JACINTHO. Guerra biológica, bioterrorismo e saúde pública. **SciELO**, [S. l.], p. 1-5, 1 out. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/9tQV9xnDLQBfdvQQKRh3PTv/?lang=pt#>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SOUSA, Álvaro Francisco Lopes de, SOUSA, Anderson Reis de e FRONTEIRA, Inês Monkeypox: between precision public health and stigma risk. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2022, v. 75, n. 05 [Acessado 18 Agosto 2022] , e750501.